

de música tem vindo a influenciar os modelos de ensino e de ensaio de agrupamentos musicais como as bandas filarmónicas e as tunas.

Por outro lado, as instituições de ensino formal têm vindo a adaptar-se às necessidades das referidas associações, nas quais recrutam novos alunos. Essa adaptação vem a refletir-se, por exemplo, na inclusão de instrumentos e repertórios anteriormente pouco representados (ou mesmo ausentes) nos *currícula* da generalidade dos conservatórios e academias.

A comunicação que propomos parte das seguintes questões: como caracterizar os modelos de ensino atualmente preponderantes nas bandas filarmónicas e nas tunas? Que transformações foram ativadas nestes agrupamentos por músicos formados no âmbito do ensino formal? Como se processam os ensaios, tendo em conta que neles participam músicos com díspares perfis de competências? Qual o papel social destes ensaios?

Este estudo insere-se no projeto *A nossa música, o nosso mundo – associações musicais, bandas filarmónicas e comunidades locais*, em curso no INET-md, sob a coordenação de Maria do Rosário Pestana. O estudo sustenta-se em dados decorrentes de entrevistas a maestros, instrumentistas e cantores e da observação (participante e não participante) de ensaios e apresentações públicas de tunas e bandas filarmónicas.

Rui Bessa é Professor Adjunto na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, elemento do Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical (CIPEM), Polo no IPP do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md). Doutorado em Ciências Musicais pela Universidade de Coimbra, tem levado a cabo investigação de terreno no âmbito da Educação Musical, mas também das Ciências Musicais. Alguns dos projetos que integrou e integra foram e são financiados pelo FCT. Lecionou em Academias do ensino vocacional da Música as disciplinas de História da Música, Formação Musical e Saxofone. Desempenhou os seguintes cargos na Escola Superior de Educação do Porto: Vice-Presidente; Vice-Presidente e Presidente do Conselho Pedagógico; Coordenador da Unidade Técnico-Científica da Música. Neste momento é Coordenador da Licenciatura em Educação Musical e elemento da Comissão Científica do Mestrado de Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, bem como elemento do Conselho Técnico Científico.

Rui Marques é licenciado e mestre em Educação Musical pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra e concluiu o curso complementar de piano no Conservatório da mesma cidade. Concluiu o Mestrado em Ensino de Música (área de especialização em Teoria e Formação Musical) na Universidade de Aveiro. Leccionou em várias escolas do ensino básico, do ensino artístico especializado de música e do ensino superior. Dirige, desde 2005, a Tuna Recreativa Penalvense. Fundou, em 2009, a *OHphicina* das Artes – Academia de Música de Oliveira do Hospital. É investigador do INET-md, Instituto de Etnomusicologia e doutorando em Etnomusicologia no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Colabora como docente com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Concertos sinfónicos por orquestras estrangeiras em Lisboa (1901-1910)

Rui Magno Pinto

CESEM, NOVA FCSH

Quando em 1879, a Associação Música 24 de Junho visava, pela terceira vez, promover a realização regular de concertos “a grande orquestra” em Lisboa, convidando para a direcção das suas orquestras renomeados maestros estrangeiros, sucedia o seminal empreendedorismo de músicos-não afiliados para a organização de similar iniciativas concertísticas. Na década seguinte,

os empreendimentos da corporação e de empresas proviam, em simultâneo, ou em exclusivo, o termo da temporada, com concertos pelas orquestras da corporação, dirigidas por maestros estrangeiros e por directores de orquestra portugueses, ou por orquestras estrangeiras. Porém, finda a iniciativa da Comissão de Concertos Clássicos da Associação Música 24 de Junho em 1888-1889, não mais tomou a corporação a iniciativa para a realização de concertos sinfónicos em Lisboa, tendo aliás em 1893 entendido como iniciativa especulativa mais viável a adjudicação do Teatro de São Carlos. Pese embora a relevante organização de uma série de “concertos a grande orquestra”, sob a direcção de Juan Goula pelo empresário (daquele teatro “italiano”) Giovanni Pacini, na qual participou a corporação, e ainda a iniciativa, em 1900, de um conjunto de melómanos e músicos amadores e dos músicos profissionais para preencher, como então confessava António Avelino Joyce, “aquela lacuna na nossa vida de arte”, parca foi a iniciativa e a participação dos “professores” de música nos “concertos a grande orquestra” da primeira década do século XX. Antes, foi a diligência de músicos amadores e empresários portugueses – tais como o Visconde S. Luís de Braga e Michel’Angelo Lambertini, entre outros – e estrangeiros que dotou o meio musical lisbonense dos mais notórios eventos daquele período: os concertos sinfónicos da Orquestra Filarmónica de Berlim (1900), sob direcção de Arthur Nikisch; da Orquestra Colonne (1903), regida pelo seu fundador Edouard Colonne; da Orquestra Lamoureux (1905), sob a direcção de Camille Chevillard; da Orquestra Filarmónica de Berlim (1908), dirigida por Richard Strauss; e a Orquestra Filarmónica de Munique, sob direcção de Joseph Lassalle). A presente comunicação visa discutir a organização, realização e recepção daquelas séries concertísticas, e em especial a exibição das obras de Bach, Beethoven, Berlioz, Bizet, Borodin, Debussy, d’Indy, Dukas, Franck, Grieg, Händel, Haydn, Liszt, Massenet, Mendelssohn, Mozart, Saint-Saëns, Schumann, R. Strauss, Tchaikovski, Wagner, Weber, entre outros, procurando assim aferir o seu contributo para a emergência de uma cultura sinfónica em Lisboa.

Rui Magno Pinto é doutorando em Ciências Musicais Históricas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e colaborador interno do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM – FCSH – UNL). A sua dissertação de doutoramento, orientada pelo Professor Doutor Paulo Ferreira de Castro, discute a “emergência de uma cultura sinfónica em Lisboa entre 1860 e 1911.” Concluiu em 2010 na mesma instituição de ensino o mestrado em Musicologia Histórica, com a dissertação “Virtuosismo para instrumentário de sopro em Lisboa (1821-1870)”, e em 2007 a licenciatura em Ciências Musicais. Foi bolseiro dos seguintes projectos de investigação, financiados pela FCT e orientados pelo CESEM: “Património Musical – Fundação Jorge Álvares” (Julho a Dezembro de 2011) e “O Teatro de São Carlos: as artes performativas em Portugal (Outubro de 2007 a Setembro de 2010).

Voyage into the golden screen de Per Nørgård na génese da música espectral

Rui Pereira Jorge
CESEM, NOVA FCSH

No panorama musical da segunda metade do séc. XX, a música espectral, conceito pelo qual ficou conhecido o movimento musical com epicentro em França na década de 70, revelou um conjunto de novas ideias e práticas que cedo ganharam impacto global. Embora o centro de ação da música espectral, numa fase já mais consolidada, se tenha situado em França, em torno de compositores franceses ou compositores não franceses que, de algum modo, absorveram por via do estudo,